

## **Miguel Pena**

Associação dos Trabalhadores Indígenas – ATIDI

Mesa: Etnodesenvolvimento, mercado e mecanismos de fomento: as possibilidades reais de desenvolvimento sustentado para sociedades indígenas. Senhores, boa tarde. Eu sou presidente da ATIDI, sediada no distrito de Jauaretê, no município de São Gabriel da Cachoeira. A nossa área não tem peixe e a terra é muito pobre, arenosa. As terras boas existem, mas ficam longe. Acho que o trabalho da ATIDI, Associação dos Trabalhadores Indígenas do Distrito de Jauaretê, repercute em todo o rio Negro; é uma luta que fazemos com muito sacrifício, e que reúne cerca de 9 organizações. Somos aproximadamente 9000 pessoas e 75 comunidades naquele distrito, sem contar Pari-Cachoeira, Jauaretê, Sana [ou Içana?] e Cucuí, todas estas áreas indígenas. Nós que viemos de São Gabriel da Cachoeira, como o Gersen e nossos colegas do Içana [conferir nome], sabemos das dificuldades da região, principalmente de transporte. As distâncias são muito grandes e ainda não conseguimos vencer isto. Começamos tarde, inicialmente como auxiliares da FOIRN e de outras organizações. Fundamos a associação há cerca de um ano, depois de conversar com lideranças, capitães e com os colegas. Resolvemos criar a associação porque conseguimos fazer a demarcação da terra, mas depois continuamos do mesmo jeito. Alguém aqui falou: “Por mais que mude, fica o mesmo”. Eu concordo, mas tentei ter outra mentalidade e por isto é que estamos lutando. Acho que isto repercute, ajuda nossos irmãos a melhorarem a si próprios. O que vamos fazer agora? Teve uma frase do relator dizendo que a FUNAI deu, faliu e não deu mais. Acho que a FUNAI nunca deu para nós. Se tivesse dado, teríamos o trânsito mais livre, teríamos facilidade para viajar, para transportar nossos produtos. Os brancos dizem que os índios não trabalham, só pedem. Eu acho que é mentira, os índios trabalham sim, mas nos falta apoio técnico. Nós só produzimos comida para consumo próprio, porque não temos como escoar o produto, aí o branco aproveita, compra quase de graça, dá uns centavinhos e vende dobrado, enriquece com isto. O índio é sempre discriminado neste sentido. Os funcionários da FUNAI que estiverem aqui que me desculpem, mas acho que a FUNAI foi cega, não viu muita coisa boa da realidade dos índios. Os projetos que conseguimos, e que vão ser aplicados neste ano ou no próximo, foram conseguidos através da FOIRN. O governo não se preocupa com os nossos problemas, só se preocupa quando está no tempo da política, para pedir votos; aí promete mil coisas e no fim não faz.

Acho que o desenvolvimento da economia precisa ser acompanhado do desenvolvimento da saúde e da educação. A área de saúde é muito precária na nossa região, temos um hospital bem pequeno, com umas freiras bem velhinhas, uma diretora que talvez não saiba mais nem ler e que aplica remédio para rã, às vezes até remédio vencido... O hospital construído pelo projeto Calha Norte foi um dinheiro perdido. É um hospital imenso, com o dobro do tamanho desta casa, perdido na selva amazônica. É um hospital lindo, com equipamentos de última geração, mas até hoje só ratos e morcegos operam lá dentro. Isso nos faz sentir o quanto a gente, na qualidade de índio, é esquecido e discriminado. Lá no distrito onde eu moro tem quartéis, tem base, tem tudo, nós nos movimentamos através do comércio e não pedimos mais nada para a FUNAI. Toda vez que vamos pedir ajuda, sempre negam, então partimos para esta alternativa de comércio. Para transportarmos os produtos, ficamos às vezes sem comer. Nossos irmãos querem que a gente compre muita coisa, mas nós não temos condição, por isto compramos somente para nosso consumo. Por

isto há esta briga entre nós, entre o comerciante indígena e o trabalhador indígena que produz. Ele vai dizer que o comerciante indígena não compra o que os próprios indígenas produzem. Tivemos problemas também com os aventureiros brancos da nossa área, porque víamos que eles papavam tudo e não deixavam nada. Muitas vezes éramos roubados, os postos militares eram roubados e tudo isso não nos agradou. Conseguimos então, através da FOIRN, convidar a FUNAI para ir até a região e, depois de muita pressão, algumas providências foram tomadas. Agradecemos ao doutor Leitão , que está aí, pela ajuda neste caso.

Nosso trabalho lá em cima é muito dificultoso: eu viajo 5 dias no rio de São Gabriel para Uirapú enfrentando cachoeiras. Tudo é muito longe e por isto os produtos se tornam caríssimos. Minha questão então é esta: como é que nós, do distrito de Jauaretê, poderíamos solucionar este problema de abastecimento para os índios que têm mais necessidade? Nossos meios de transporte são muito precários e não temos ajuda, nem de político, nem do prefeito, nem da FUNAI. Recebemos apenas um pouquinho de asilo da Federação (FOIRN). Além do nosso município ser muito grande, o prefeito não conhece nem a metade. Talvez alguns antropólogos conheçam mais do que eu, mas acho que não, o município de São Gabriel é muito grande. Não sei se alguém aqui poderá dar um toque no governo, principalmente no governo municipal e no estadual. O que contamos aqui é o que a gente vê, ninguém está inventando história. Eu viajo e vejo minha realidade, sinto por meus irmãos mais pobres, que não têm onde buscar ajuda. Era isso que eu queria dizer. Muito obrigado.